

O VALOR EPISTEMOLÓGICO DA PRIORIDADE DO MITO SOBRE O LOGOS EM VICENTE FERREIRA DA SILVA (III)

Constança Marcondes César

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

3 – FONTES DO ESTUDO DO MITO EM VICENTE FERREIRA DA SILVA

3.1 – As Fontes Principais e os Temas Centrais

No estudo das fontes do problema do mito em Vicente, procuraremos seguir de perto as indicações que o próprio filósofo nos oferece em sua obra. Tentaremos estabelecer as principais fontes filosóficas e as confirmações de seu pensamento que nosso autor encontrou na etnologia, filosofia e história das religiões, psicologia, biologia e poesia contemporânea. Para tanto, buscaremos comparativamente os pontos de concordância entre os vários campos, naquilo que concerne às teses mais importantes. Utilizaremos ainda alguns textos inéditos durante o período de vida do filósofo, publicados na **Cavalo Azul**, números 4 e 5, bem como o “Diário Filosófico”, publicado no número 3 da mesma revista, em 1958. Este último é muito importante, porque nele Ferreira da Silva aponta suas fontes filosóficas. Comparando essas indicações com as do artigo “Enzo Pacci e o Pensamento Sul-Americano”, que data de 1955 e está publicado nas **Obras Completas** e estudando as referências a autores que Vicente reconhece como significativos ao longo de sua obra, acreditamos ser possível estabelecer uma hierarquia de importância entre os autores e entre as teses que repercutirão na filosofia da mitologia de nosso pensador.

À tese da prioridade do mito sobre o logos, no plano epistemológico, corresponde, nos planos metafísico e estético, a afirmação de que a poesia funda a existência humana. A analogia pode ser confirmada pelas citações que Vicente faz dos filósofos: Ortega Y Gasset¹, Grassi e Heidegger². No âmbito da etnologia, filosofia e história das religiões, a prioridade do mito sobre o logos mostrar-se-ia nas afirmações de que a religião, o mito, estão na origem da cultura^{3,4,5} ou oferecem o modelo do homem^{6 e 7}, e na tese de que os deuses são criadores da consciência^{8 e 9}.

As asserções convergentes, de autores expressivos nos campos da estética, da história e filosofia das religiões e da epistemologia, são reencontradas nas obras de Jung, do qual Vicente aceita a teoria dos deuses virtuais¹⁰.

A partir do estudo dessas contribuições, Vicente desenvolve a abordagem dos pontos de aproximação possível entre as supracitadas áreas do conhecimento. Retornaremos a esse assunto, adiante.

São duas as fontes filosóficas principais de Vicente: Schelling e Heidegger. Seguem de perto, em importância, Nietzsche, Scheler, Hegel, Bergson, Grassi, Jaspers, Bagolini e Ortega. A tese ferreiriana da prioridade do mito sobre o logos e a sua filosofia da religião e da mitologia nascem, contudo, da aproximação, que o autor estabelece, entre Heidegger e Schelling¹¹. O pensamento de Ferreira da Silva não é pura repetição ou conjugação das filosofias de Heidegger e Schelling. Na verdade, parte de ambos, mas cria uma reflexão original.

Essa originalidade, segundo nosso pensador¹², apóia-se nas seguintes divergências, no que diz respeito às concepções de Heidegger:

a) Vicente compreende a desocultação do ente não como poesia (Heidegger), mas como protopoesia (mitologia) (');

b) nosso autor relaciona o último Heidegger — isto é, o Heidegger de **Ser e Tempo, Carta sobre o Humanismo, Hölderlin e a Essência da Poesia, Sobre a Essência da Obra de Arte** — com a filosofia da mitologia de Schelling “(...) cancelando nesta última a teoria dos deuses terminais e causadores do processo teogônico”¹³;

c) Vicente atribui à experiência do Ser uma tonalidade passional, apresentando-o como o Fascinador, o Sugestor^{14 e 15}. Tudo que é, enquanto mostra a epocalidade do Ser, expressa uma paixão. Vicente leva em conta Schopenhauer, o qual afirma que os seres são impulsos, paixões; e aceita Heidegger (**Ser e Tempo**), para quem a vida é um impulso anterior à sua própria compreensão¹⁶;

d) nosso filósofo considera a mitologia uma protopoesia e como aquilo que condiciona todas as possibilidades da linguagem, quer seja esta poética ou não*;

e) nosso pensador faz a história depender do oferecido pelos deuses, isto é, do ofertado pelos modos de manifestação do Ser**;

f) Ferreira da Silva estabelece uma relação entre o processo religioso e a emergência das raças históricas e da própria corporeidade humana^{17, *** e 18};

g) Vicente adota a idéia de uma **conversão infinita**, presente em Holderlin, para explicar o paralelismo entre a história do Ser e a história humana, e a sua contínua metamorfose. Tal aspecto do pensamento de Hölderlin, não teria sido abordado por Heidegger.

Em relação ao pensamento de Schelling, Vicente também acredita apresentar originalidade. Para Schelling, a consciência humana depen-

(') Esta afirmação da própria originalidade, feita por Vicente, é discutível, uma vez que Heidegger, no **Sobre a Essência da Obra de Arte**, estabelece laços entre **poesia e mito**.

(*) Novamente acreditamos que esta abordagem já existe em Heidegger, sendo apenas enfatizada por Vicente.

(**) Ver nota de rodapé anterior.

(***) Essa idéia, a nosso ver, já se encontra no **Filosofia da Mitologia** de Schelling.

de totalmente do processo teogônico e o homem é visto não como um ser, mas como um poder ser. À aniquilação do mito corresponderia a “posse do homem por si mesmo”¹⁹. O mito é o lugar de extravio do homem, mas também a oportunidade de emergirem divindades antropogênicas. O mito, aqui, se resolve no logos, é um pré-logos.

Para Vicente, não existe uma predileção do Ser em relação à forma humana. O homem é mera possibilidade, entre outras, na teogonia²⁰. O tempo não deve ser abordado a partir do homem, mas visto como o tempo do Ser, do qual o nosso tempo depende. Com Heidegger, Vicente compreende o mito como o pôr-se em obra da Verdade do Ser, não tendo, pois, finalidade compreensível, uma vez que é meta-humano, transistórico e transracional²¹.

Pelo exposto, podemos dizer que Vicente critica Schelling a partir de Heidegger e amplia a teoria heideggeriana a partir de Schelling.

Tentaremos agora estabelecer, levando em conta as contribuições desses filósofos alemães, os pontos de convergência entre ambos e as demais fontes de Vicente. As similaridades que nos parecem mais importantes são:

- a) a afirmação da prioridade do mito sobre o logos, ou seja, a tese da superação do logos por um novo tipo de pensamento;
- b) o enfoque da oposição entre Apolo e Dionísio, como instrumento para simbolizar a oposição entre logos e mito;
- c) a compreensão do mito como modelo ou origem do mundo e da consciência humanos;
- d) a verdade encarada como proximidade ao sagrado;
- e) o mundo visto como cena passional ou sagrada;
- f) o paralelismo, apontado, entre os diversos níveis de consciência possíveis, de um lado, e a pluralidade de concepções do mundo, de outro;
- g) a aceitação da analogia entre evolução natural e a evolução divina;
- h) a admissão da tese da epocalidade do divino;
- i) a poesia, entendida como o fundamento da existência;
- j) a crítica ao mundo contemporâneo*.

Para demonstrar a existência desses temas convergentes entre os autores em que Ferreira da Silva se apóia, buscaremos seguir, na obra de nosso filósofo, as indicações que ele faz a respeito do assunto.

(*) No quadro anexo pode ser considerada, comparativamente, a presença dos temas indicados, entre os autores — fonte do pensamento de Vicente.

3.2 — Convergências entre os Filósofos quanto aos Temas Centrais

Nosso estudo abordará as referências de Vicente a Schelling, Heidegger, Nietzsche, Scheler, Hegel, Bergson, Grassi, Jaspers, Bagolini, Ortega e Bachofen. Procuraremos destacar, através do exame da obra de nosso autor, a presença das teses anteriormente citadas.

Schelling

Este pensador:

- a) encara a teodicéia como expressão de uma epocalidade do divino (tese do politeísmo sucessivo)²²;
- b) admite um paralelismo entre a evolução natural e a evolução divina^{23, 24 e 25};
- c) considera o mito como fonte da poesia e esta como fundamento da existência²⁶;
- d) afirma que o mito é modelo do homem e do mundo^{27, 28, 29 e 30}; os deuses são criadores do mundo e da consciência;
- e) anuncia a emergência de um novo tipo de pensar (o saber do não-saber)³¹.

Heidegger

Para este filósofo:

- a) existe epocalidade do Ser (trabalhos heideggerianos a respeito de Hölderlin^{32, 33 e 34};
- b) a poesia é a fundação da existência segundo o paradigma do sagrado (**Carta sobre o Humanismo, Hölderlin ou A Essência da Poesia, Caminhos que não Conduzem a Parte Alguma**)^{35, 36, 37 e 38};
- c) O novo tipo de pensar é um pensar poético, uma referência ao Ser e suas manifestações, os deuses^{39, 40 e 41};
- d) o mito é o modelo do homem, a descobertura do ente^{42, 43, 44 e 45};
- e) a crítica ao mundo contemporâneo, implica enfocá-lo como mundo em que ocorre a ausência dos deuses^{46 e 47}.

Nietzsche

Esse autor:

- a) anuncia a emergência de novo tipo de pensar: o dionisíaco, o aórgico^{48, 49 e 50};
- b) critica o mundo contemporâneo⁵¹;
- c) propõe a oposição entre Apolo e Dionísio e afirma a superação do sujeito individual por algo que o ultrapassa (**A Origem da Tragédia**)⁵²;
- d) encara o transcendente como plasmador do homem⁵³.

Scheler

O filósofo em questão:

- a) considera o mundo uma cena passional, mediante o estudo da consciência dos povos⁵⁴;
- b) aceita o mito como modelo do homem e do mundo e admite que a proximidade com o sagrado é que instaura a vida humana⁵⁵;
- c) critica o mundo contemporâneo, pondo em evidência a relação entre o conceito pós-cristão de mundo e a condição atual do conhecimento científico e técnico⁵⁶.

Hegel

Esse filósofo:

- a) acredita que a religião configura os fenômenos histórico-culturais (**Lições sobre a Filosofia da Religião**)⁵⁷;
- b) afirma a oposição entre Apolo e Dionísio⁵⁸.

Bergson

O pensador francês:

- a) admite a similaridade entre as vidas animal e vegetal, enquanto estas revelam a existência de impulso criador que rege a evolução⁵⁹;
- b) aceita a prioridade da intuição sobre a lógica, na apreensão do real que é fluxo, duração.

Grassi

O amigo de Vicente admite a vida como cena passional e propõe a reelaboração das categorias do nosso conhecimento⁶⁰.

Jaspers

Mostra a oposição entre Apolo e Dionísio⁶¹ e estuda a crise do mundo atual.

Bagolini

O pensador italiano:

- a) considera o mito como criador da imagem do mundo, para o homem⁶²;
- b) aceita a prioridade do mito sobre o logos, e o mito como força propulsora da história^{63 e 64};
- c) entende a verdade como proximidade com o divino e encara a religião como força transcendente, que permite ao homem superar o conflito entre o mito e o logos⁶⁵.

Ortega Y Gasset

Considera a vida tarefa poética e vê na poesia o fundamento da existência⁶⁶.

3.3 — Convergências entre os Poetas quanto aos Temas Centrais

No que diz respeito a fontes poéticas de Vicente, levamos em conta apenas com as que aparecem repetidamente citadas, ou, ao menos, considerados por ele próprio como importante, no seu “Diário Filosófico”. Estudaremos as referências a Hölderlin, Novalis, Rilke, Lawrence e Artaud.

Hölderlin

Esse autor:

- a) vê na poesia a revelação do sagrado, a fundação poética da existência humana⁶⁷;
- b) valoriza o aórgico, o dionisíaco, um novo tipo de pensar⁶⁸;
- c) critica o mundo moderno, aponta-lhe a crise e a ausência dos deuses^{69 e 70};
- d) encara o mito como modelador do mundo e do homem e os deuses como instauradores de um mundo de possibilidades humanas⁷¹;
- e) afirma a epocalidade do divino, a conversão infinita, o perpétuo vir-a-ser do divino⁷².

Novalis

O poeta:

- a) considera a poesia como fundamento da existência humana⁷³;
- b) afirma que o mito é prioritário ao logos⁷⁴;
- c) anuncia o surgimento de novo tipo de pensar⁷⁵.

Rilke

Esse artista:

- a) aponta a necessidade da superação do discursivo, por um novo tipo de pensar⁷⁶;
- b) considera a poesia como fundamento da vida humana, porque a negação do imediato conduz à metamorfose poética da existência^{77 e 78};
- c) afirma a prioridade da vontade, da vida pulsional e inconsciente sobre a consciência lógica e o sujeito individual⁷⁹;
- d) critica o mundo contemporâneo, que é visto como o mundo de onde ocorre a fuga dos deuses e no qual a máquina destrói o humano (**Sonetos a Orfeu, Elegias de Duino**)^{80, 81 e 82};

e) encara a verdade como proximidade com o divino (poeta: homem sacral; tema do **anjo**)⁸³.

Lawrence

Tal escritor:

- a) vê o mundo como cena passional, sagrada⁸⁴;
- b) propõe o ultrapassamento do pensar lógico, por abordagem poético-religiosa do mundo e do homem^{85 e 86};
- c) considera o mito modelo do homem e do mundo^{87 e 88};
- d) faz a crítica ao mundo contemporâneo — mundo tecnológico e da ausência dos deuses⁸⁹;
- e) admite a epocalidade do divino⁹⁰;
- f) considera a verdade como a proximidade com o divino^{91 e 92};
- g) admite a oposição entre Apolo e Dionísio⁹³.

Artaud

Esse autor:

- a) afirma que a poesia instaura novos modelos do homem e do mundo⁹⁴;
- b) compreende o mundo como cena passional, encarando a vida sob perspectiva "onírico-dramática (teatro da crueldade de Artaud)" ⁹⁵.

3.4 — Convergências entre os Etnólogos e Filósofos e Historiadores da Religião quanto aos Temas Centrais

Alinhamos os seguintes autores, fontes de Vicente: Frobenius, Kerényi, W. Otto, Eliade, Altheim, Bachofen.

Frobenius

O estudioso:

- a) considera a verdade como sinônimo da proximidade com o divino⁹⁶;
- b) o mundo é focado como cena passional e sagrada^{97 e 98};
- c) a religião, o mito são vistos como modelos do mundo e do homem^{99, 100, 101 e 102};
- d) encara o jogo, enquanto **poiésis**, como fundamento da existência, revelando um mundo de possibilidades novas¹⁰³.

Kerényi

Esse autor:

- a) considera o mito modelo e origem do mundo cultural e da vida psicológica^{104, 105, 106 e 107};

b) propõe o mito como prioritário ao logos, enquanto é meta-conscienciológico e o logos, a razão discursiva, caracterizando o homem (**A Religião Antiga**)¹⁰⁸.

W. Otto

O especialista:

a) admite o mito como modelo do homem e do mundo, origem da cultura e orientador da ação humana (**Dionysos**)¹⁰⁹. Embora Vicente seja tributário da obra de Frobenius, sua concepção de mito se aproxima da de W. Otto¹¹⁰. Com Otto, Vicente afirma que a vida cultural expressa a presença dos deuses, a convivência do homem com o meta-humano. Não é o mundo como tal que é uma epifania, mas **no** mundo dá-se a revelação do divino^{111 e 112};

b) W. Otto identifica verdade e proximidade com o sagrado, de modo semelhante a Kerényi¹¹³;

c) vê a poesia como fundamento da existência¹¹⁴.

Aliade

Considera:

a) o sagrado, o rito, como origem da vida cultural¹¹⁵;

b) a verdade como a proximidade com o sagrado (real absoluto)¹¹⁶.

Altheim

Afirma a origem religiosa da cultura, a qual instaura modelos do homem e do mundo¹¹⁷.

Bachofen

Esse estudioso:

a) propôs uma teoria da alternância de princípios divinos, que condicionaria as épocas históricas. Admite, pois, a epocalidade do divino¹¹⁸;

b) afirma que o mito explica e instaura o mundo histórico¹¹⁹
e 120.

3.5 — Convergências nos Campos da Biologia e da Psicologia quanto aos Temas Centrais

Von Uexkuel

Esse biólogo propõe a tese da pluralidade dos mundos, correspondendo à pluralidade de consciências possíveis a respeito do ambiente em que o ser consciente vive. Não existe um único universo, mas tantas quantas as perspectivas possíveis, abertas a partir da espécie a que o indivíduo pertence^{121 e 122}.

Partindo dessa concepção, Vicente fala de uma pluralidade de mundos, no caso da vida humana, correspondendo às diferentes concepções do homem que se sucederam através da história. A cada modo distinto de conceber o homem e a realidade, corresponderia um mundo.

Aceitando von Uexkuel, Vicente critica Bergson: a evolução é criadora, não de um mundo, mas de uma pluralidade de mundos, para diferentes consciências. A pluralidade dos mundos proposta por von Uexkul pode ser aproximada, segundo Vicente, às teses centrais do pensamento de Schelling, que procura incluir a vida, as cenas vitais num vir-a-ser teogônico. O mundo físico natural não estaria prefixado, mas expressaria, na sua multiplicidade de eventos, as metamorfoses do divino.

Jung e Carus

Vicente recorda as afirmações de Carus, a propósito do grande inconsciente, do qual nossa consciência individual e nosso corpo seriam modos de expressão¹²³.

No "Diário Filosófico"¹²⁴, Ferreira da Silva cita Schelling, Carus e Epicarmo como fontes das suas preocupações com o domínio do involuntário, isto é, com o âmbito do imaginário, do mítico, de tudo o que ultrapassa a pura consciência refletida individual.

Se existe em nós algo que nos ultrapassa, nossa consciência, o **logos**, não pode pretender abarcar o real. A afirmação de que o mito é prioritário ao logos, traduz-se no campo da psicologia, pela afirmação de que nossa consciência depende do inconsciente, da grande vida em que vivemos.

De Jung, nosso autor retém a tese dos "deuses virtuais" — não dá maiores explicações a respeito disso. Supomos que os "deuses virtuais"¹²⁵ correspondam aos arquétipos, modeladores da consciência individual.

3.6 — Considerações

As aproximações que tentamos estabelecer entre as fontes de Vicente não são gratuitas. Encontramos em textos do filósofo a confirmação da sua validade^{126, 127, 128 e 129}.

No "Diário Filosófico"¹³⁰ Ferreira da Silva indica como fontes as teses heideggerianas:

- a) a afirmação de que a vida é um impulso que precede a compreensão;
- b) a noção de Aberto;
- c) a idéia da "iluminação" do Ser,

bem como as afirmações de Schopenhauer, que considera os seres como impulsos, paixões; a concepção platônica do Eros cosmogônico; a noção de vontade, em Nietzsche; a compreensão dos deuses como **Weltaspekten**, por W. Otto; a visão sacral do cosmo, de Lawrence; a obra de Jung e a de Schelling; o teatro da crueldade, de Artaud; a idéia da “conversão infinita”, de Hölderlin; a concepção de tempo em Hegel.

Nosso autor assinala como pontos de partida da interpretação metaantropocêntrica do ciclo em que vivemos: a) a idéia da iluminação do Ser, em Heidegger; b) a tese da transcendência da arte, em Epicarmo; c) a afirmação da ex-centricidade da criação artística, por Rimbaud¹³¹.

O “Diário Filosófico” foi um texto essencial para o estudo das fontes do nosso filósofo. Nesse diário, sob a forma de breves anotações, Vicente expôs sua trajetória filosófica. Procuramos apenas, no estudo apresentado, ampliar o roteiro que o próprio Vicente nos ofereceu confrontando-o com o restante de sua obra.

NOTAS

- (1) Vicente Ferreira da Silva, **Obras Completas**, vol. I, p. 122: “a vida é uma faina poética”.
- (2) id., *ibid.*, p. 121: “a poesia é o fundamento que suporta a História”.
- (3) Altheim, in **O. C.**, vol. I, p. 377.
- (4) Kerényi, in **O. C.**, vol. I pp. 344, 379, 381.
- (5) Otto, in **O. C.** vol. I, pp. 354, 382.
- (6) Frobenius, Eliade, in **O. C.**, vol. I, pp. 355 – 356.
- (7) Otto, in **O. C.**, vol. I, pp. 396.
- (8) Frobenius, in **O. C.**, vol. I, pp. 353 – 378.
- (8) Otto, in **Cavalo Azul**, S. Paulo, nº 3, p. 44.
- (10) Vicente Ferreira da Silva, **Cavalo Azul**, nº 3, p. 44.
- (11) id., **O. C.**, vol. II, p. 341.
- (12) id., *ibid.*, pp. 341 – 342.
- (13) id., *ibid.*
- (14) id., *ibid.*, vol. I, pp. 301 – 302.
- (15) id., “Diário Filosófico”, **Cavalo Azul**, SP, nº 3, 1958, p. 43.
- (16) id., *ibid.*
- (17) id., **O. C.**, vol. I, pp. 302, 363 e segs.
- (18) id., *ibid.*, vol. II, pp. 503 – 504.
- (19) id., *ibid.*, p. 190.
- (20) id., *ibid.*, p. 191.
- (21) id., *ibid.*
- (22) id., *ibid.*, vol. I, p. 243.
- (23) id., *ibid.*, pp. 243 – 244.
- (24) id., *ibid.*, p. 299.
- (25) id., *ibid.*, vol. II, p. 325.
- (26) id., *ibid.*, vol. I, p. 245.
- (27) id., *ibid.*, vol. II, p. 324.
- (28) id., *ibid.*, p. 323.
- (29) id., *ibid.*, vol. I, p. 378.
- (30) id., *ibid.*, vol. II, p. 506.

- (31) id., *ibid.*, vol. I, pp. 312 – 313.
- (32) id., *ibid.*, vol. II, p. 356.
- (33) id., *ibid.*, p. 538.
- (34) id., *ibid.*, vol. I, p. 330.
- (35) id., *ibid.*, p. 121.
- (36) id., *ibid.*, p. 163.
- (37) id., *ibid.*, p. 246.
- (38) id., *ibid.*, p. 261.
- (39) id., *ibid.*, vol. II, p. 167.
- (40) id., *ibid.*, p. 366.
- (41) id., *ibid.*, vol. I, p. 313.
- (42) id., *ibid.*, vol. II, p. 151.
- (43) id., *ibid.*, vol. I, p. 335.
- (44) id., *ibid.*, p. 259.
- (45) id., *ibid.*, p. 361.
- (46) id., *ibid.*, p. 295.
- (47) id., *ibid.*, vol. II, p. 238.
- (48) id., *ibid.*, vol. I, p. 323.
- (49) id., *ibid.*, p. 327.
- (50) id., *ibid.*, p. 387.
- (51) id., *ibid.*, vol. II, p. 237.
- (52) id., *ibid.*, vol. I, p. 341.
- (53) id., *ibid.*, p. 254.
- (54) id., *ibid.*, p. 304.
- (55) id., *ibid.*, vol. II, pp. 149 – 150.
- (56) id., *ibid.*, vol. I, p. 291.
- (57) id., *ibid.*, p. 376.
- (58) id., *ibid.*, vol. II, pp. 368 – 369.
- (59) id., *ibid.*, vol. I, p. 305.
- (60) id., *ibid.*, pp. 304 – 305.
- (61) id., *ibid.*, vol. II, p. 253.
- (62) id., *ibid.*, p. 313.
- (63) id., *ibid.*
- (64) id., *ibid.*, p. 314.
- (65) id., *ibid.*
- (66) id., *ibid.*, vol. I, pp. 122 – 123.
- (67) id., *ibid.*, p. 253.
- (68) id., *ibid.*, p. 323.
- (69) id., *ibid.*, p. 294.
- (70) id., *ibid.*, p. 295.
- (71) id., *ibid.*, vol. II, p. 528.
- (72) id., *ibid.*, p. 497.
- (73) id., *ibid.*, vol. I, p. 50.
- (74) id., *ibid.*, pp. 53 – 54.
- (75) id., *ibid.*, vol. II, pp. 191 – 192.
- (76) id., *ibid.*, vol. I, p. 54.
- (77) id., *ibid.*, pp. 125 – 126.
- (78) id., *ibid.*, vol. II, p. 500.
- (79) id., *ibid.*, vol. I, p. 301.
- (80) id., *ibid.*, vol. II, p. 382.
- (81) id., *ibid.*, p. 237.
- (82) id., *ibid.*, p. 526.

- (83) id., *ibid.*, p. 385.
- (84) id., *ibid.*, vol. I, p. 304.
- (85) id., *ibid.*, pp. 321 – 322.
- (86) id., *ibid.*, vol. II, p. 395.
- (87) id., *ibid.*, p. 403.
- (88) id., *ibid.*, p. 404.
- (89) id., *ibid.*, pp. 390 – 391.
- (90) id., *ibid.*, pp. 393 – 394.
- (91) id., *ibid.*, p. 397.
- (92) id., *ibid.*, p. 404.
- (93) id., *ibid.*, p. 393.
- (94) id., *ibid.*, p. 496.
- (95) id., “Diário Filosófico”, **Cavalo Azul**, SP, nº 3, 1958, p. 44.
- (96) id., **O. C.**, vol. I, p. 302.
- (97) id., *ibid.*, p. 353.
- (98) id., *ibid.*, p. 354.
- (99) id., *ibid.*, p. 353.
- (100) id., *ibid.*, vol. II, p. 448.
- (101) id., *ibid.*, vol. I, p. 378.
- (102) id., *ibid.*
- (103) id., *ibid.*, p. 180.
- (104) id., *ibid.*, p. 344.
- (105) id., *ibid.*, p. 379.
- (106) id., *ibid.*, p. 381.
- (107) id., *ibid.*, vol. II, p. 324.
- (108) id., *ibid.*, p. 324.
- (109) id., *ibid.*, vol. I, p. 355.
- (110) id., *ibid.*, p. 382.
- (111) id., *ibid.*, p. 383.
- (112) id., *ibid.*, pp. 381 – 382.
- (113) id., *ibid.*, p. 381.
- (114) id., *ibid.*, pp. 355 – 356.
- (115) id., *ibid.*, pp. 383 – 384.
- (116) id., *ibid.*
- (117) id., *ibid.*, vol. I, p. 377.
- (118) id., *ibid.*, vol. I, p. 331.
- (119) id., *ibid.*, vol. II, p. 150.
- (120) id., *ibid.*, p. 166.
- (121) id., *ibid.*, vol. I, p. 305.
- (122) id., *ibid.*
- (123) id., *ibid.*, vol. II, pp. 402 – 403.
- (124) id., “Diário Filosófico”, **Cavalo Azul**, SP, nº 3, 1958, p. 42.
- (125) id., *ibid.*, p. 44.
- (126) id., **O. C.**, vol. I, p. 50.
- (127) id., “Apresentação”, **Diálogo**, SP, 1955, setembro, nº 1,
- (128) id., **O. C.**, vol. II, p. 237.
- (129) id., *ibid.*, pp. 524 – 525.
- (130) id., “Diário Filosófico”, **Cavalo Azul**, SP, nº 3, 1958, p. 42 e segs.
- (131) id., *ibid.*, pp. 41 – 42.

